

A SEMANA DE COMBATE À HANSENÍASE

Coletânea com diversos artigos sobre a doença de Hansen, bem como a sua representação pela Filatelia.

*Roberto Aniche
Novembro/2022
www.robertoaniche.com.br*

Índice

1. Considerações iniciais

- notícia do Jornal da Manhã de 6 de fevereiro de 1942*
- considerações iniciais*
- o selo dos Lázaros*

2. O Mal de Hansen

- histórico*
- na Bíblia*
- situação social*
- métodos de diagnóstico e cura*
- a descoberta do bacilo*

3. O Mal de Hansen

- definição*
- diagnóstico*
- causador, transmissão*
- quadro clínico*
- tratamento*
- situação no Brasil*

4. Selos Postais e Saúde Pública:

o caso da campanha do mal de Hansen

- a Hanseníase como questão de saúde pública*
- a Campanha contra o Mal de Hansen nos selos postais brasileiros*
- Padre Damião*
- Padre Bento*
- Padre Santiago Uchôa*
- Eunice Weaver*

5. Os Selos da Sobretaxa Obrigatória

- A Sobretaxa obrigatória*

6. Planilha dos selos de sobretaxa obrigatória

7. Os Carimbos de recolhimento da sobretaxa sem os selos

8. Máximos e cartões

9. Curiosidades

10. Bibliografia

11. Final: poesia de Ícaro Leal, 1951

A MANHÃ

EMPRESA "A NOITE" —
ANO I

SUPERINTENDENTE: LUIZ C. DA COSTA NETTO
RIO DE JANEIRO — SEXTA-FEIRA, 6 DE FEVEREIRO DE 1942

Director:
CASSIANO RICARDO
Gerente: ALVARO GALDAS
REDAÇÃO — AV. RIO BRANCO
108 — Sucre-luja —
ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS:
RUA EVARISTO DA VEIGA, 10
NUM. 154

Campanha contra o mal de Hansen

ENTRE as moléstias que afligem a humanidade, nenhuma de consequências mais dolorosas que a lepra.

As deformações que determina e o pavor que inspira fazem com que o portador do mal de Hansen se considere o mais desafortunado dos seres vivos.

No Brasil não é muito alta a percentagem dos que são atingidos pelo cruel flagelo, mas é irrecusável que em alguns Estados as cifras que lhe correspondem são já p. a considerar.

E eis por que governo e iniciativa privada se conjugam para uma cruzada de combate que todos os aplausos merece.

As autoridades sanitárias federais e estaduais têm nesses últimos anos levado a cabo um bom número de realizações tendentes a exterminar a lepra ou amenizar a sorte dos que ela atingiu e de suas famílias.

Por sua vez as associações particulares contribuem com esforço e altruísmo para o mesmo objetivo.

Há mesmo uma Federação das Sociedades de Assistência aos Lázaros e Defesa contra a Lepra, com sede no Rio de Janeiro, presidida pela senhora Eunice Waever, cujos serviços são incontáveis à benemérita cruzada.

Essa ilustre dama brasileira não conhece canseiras nem desfalecimentos, desde que se trate de aliviar os sofrimentos dos que trazem o terrível mal.

Tem percorrido pessoalmente o país em todas as direcções, criando por toda a parte associadas para a Federação e animando a campanha de todas as maneiras.

Mais uma vez vem de ser reeleita para a presidência da Federação.

O relatório que leu, ao ser reempossada no posto que merecidamente ocupa, contém dados que precisam ser conhecidos do grande público, pois atestam, pelas cifras que encerram, o êxito que vai coroando os passos dos apóstolos da boa causa.

Segundo esse relatório, os resultados das cinco campanhas financeiras realizadas pela Federação nesse período subiu a 2.094:464\$000, sendo 527:674\$000 no Paraná; 531:790\$400 em Mato Grosso; 450:000\$ no Piauí; 185:000\$ em Alagoas; 300:000\$ em Goiás. Acresce ainda a sra. Eunice Weaver que nessas quantias não estavam incluídas as arrecadações que haviam chegado ao conhecimento da diretoria depois da redação do relatório, visto como ainda prosseguem com êxito aquelas campanhas em alguns dos Estados acima mencionados.

Também revelou a presidente da Federação que nos anos de 1939 a 1941 foram fundadas no Brasil cinquenta e nove Sociedades de Assistência aos Lázaros, a saber: cinco no Paraná; três em Mato Grosso; quatro no Estado do Rio; quatro em S. Catarina; seis no Piauí; três na Paraíba; duas em Alagoas; catorze em Goiás; sete em Minas Gerais.

A SEMANA DE COMBATE À HANSENÍASE OS SELOS DE SOBRETAXA

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Na última semana de novembro de cada ano toda correspondência postada em território nacional deveria ser sobretaxada em favor dos filhos sadios dos pacientes portadores de mal de Hansen.

Na época os filhos sadios dos hansenianos eram retirados de seus pais quando estes contraíam a doença e encaminhados para instituições chamadas de Preventórios, verdadeiros orfanatos, já que seus pais, ao serem internados compulsoriamente não poderiam mais ter contato com o mundo exterior.

Considerando-se o alto custo que era manter estes Preventórios a ideia era de que as cartas seriam sobretaxadas na última semana de novembro de cada ano.

A sobretaxa foi regulamentada pela Lei nº 909 de 8 de novembro de 1949 e pelo Decreto nº 31.648 de 31 de outubro de 1952.

Nos anos de 1956, 59, 60, 74, 77, 78, 80, 81 e 82 não foram emitidos selos, mas as cartas eram taxadas com os selos dos anos anteriores. Nos anos de 1967 e 1972 não foram cobradas estas taxas.

A partir de 1983, pela alta inflacionária de nossa moeda, a taxa passou a ser alterada pela variação das ORTNs. Até esta data as alterações de valor eram regulamentadas por leis e decretos.

Fonte: Catálogo RHM, 48ª edição, volume II, 1990/91

O SELO DOS LAZAROS

Cousas muito interessantes acontecem nesta terra de Santa Cruz!

Uma lei emanada do Congresso Nacional, sancionada pelo Sr. Presidente da República, autorizou a emissão de um selo adicional, para ser usado, todos os anos, obrigatoriamente, em toda a espécie de correspondência, durante uma semana..A emissão se intitula, conforme o respectivo edital, "em benefício dos filhos dos Lázaros"; a taxa adicional é de dez centavos; e a Semana escolhida foi a que se situava entre os dias 24 e 30 de novembro.

Com relação ao motivo, somente elogios temos a fazer. A escolha da figura do Padre Damião foi felicíssima. Falar em Padre Damião é sintetizar tudo o que a mente humana é capaz de imaginar, respeito ao Amparo e ajuda aos leprosos.

O Padre Damião de Veuster foi um sacerdote belga, nascido em 3 de janeiro de 1840. Recebeu as ordens sacerdotais com 24 anos de idade, longe de sua terra natal, em uma das ilhas do longínquo Pacífico, para onde havia seguido antes de se ordenar, por livre e espontânea vontade, com os olhos fitos no trabalho missionário. Pouco depois de ordenado, escolheu a ilha de Molokai, centro dos leprosos do Pacífico, como o seu local de seus trabalhos.

Numa época em que a ilha, de um dos lados, era exclusivamente habitada por leprosos, ali atirados à própria sorte, inteiramente afastados do resto do mundo, pelo isolamento; uma ilha que, apenas de tempos em tempos, recebia a visita de um navio, que em lugar de trazer conforto ou alívio aos enfermos, despejava outra leva de leprosos; uma ilha em que se diz conhecia qualquer noção de higiene, a decisão do Padre Damião de lá se internar não necessita de palavras para se avaliar do seu mérito.

Entretanto toda sorte de trabalhos, vencendo a própria repugnância que lhe causavam aqueles organismos deformados, tomando atitudes enérgicas perante os governos responsáveis da época, conseguiu melhorar as condições de habitabilidade da Ilha. O seu maior mérito, entretanto, reside na circunstância de ter chamado a atenção dos governos do mundo inteiro para os doentes do mal de Hansen, até então escorraçadas da civilização Como Cães pestilentos.

O seu fim não poderia ter sido outro: - faleceu em 1889, com 49 anos de idade atacado do mesmo mal daqueles que com tanto carinho cuidar durante 25 anos.

Na ilha de Molokai existe um Monumento, uma Bela Cruz de granito de desenho antigo, mandado erigir em honra do Padre Damião pelo governo Inglês. No pedestal deste Monumento estão gravadas as seguintes palavras, reconhecimento do mundo ao trabalho e ao amor de um herói:

“ Não há maior amor humano que o de um homem que dá a vida por seus amigos”

Infelizmente não dispomos de mais espaço para relatar, com mais minúcias o que foi a vida e a obra deste grande homem. Dirigimos os interessados em conhece-lá a magnífica biografia de John Harrow, “DAMIÃO O LEPROSO”.

Voltando a filatelia, dizemos que o motivo não podia ter sido melhor escolhido.

Até agora, entretanto, não descemos que justificasse as palavras com que iniciamos o artigo.

Mas que acontecem cousas interessantes, não há a menor dúvida.

Na emissão em epígrafe, o que causa espanto são as cifras. Vamos portanto a elas.

A emissão foi, segundo o edital, de 2 milhões e 16 exemplares. O produto dessa emissão, vendida, acreditamos toda ela (aqui em Florianópolis ela se esgotou em poucas horas, o que acarretou ficar sem efeito a lei, para o restante da semana), representava a quantia total de Cr\$ 200.001,60.

Essa quantia, conforme noticiavam os jornais logo em seguida, deveria ser distribuída equitativamente entre os 30 e tantos preventórios que abrigam filhos de leprosos existentes no Brasil. Isso quer dizer que cada uma dessas casas de caridade recebeu, ou vai receber, um pouco mais de seis mil cruzeiros. Possivelmente, menos, até. Nunca, porém mais do que isso.

Francamente! Movimentar Câmara, Senado, Presidente da República, Casa da Moeda, e, por fim todas as agências postais desse nosso imenso Brasil, para acabar doando seis mil cruzeiros a cada uma dessas casas de caridade, é de estarrecer! Isso não é caridade. É escárnio!

País interessante esta nossa terra de Santa Cruz!

J.C.R.

(João Carlos Ramos)

Do Boletim Santa Catarina Filatélica, ano III, setembro de 1952 a março de 1953 nº 13/14



Emissão: 24 de novembro de 1952
Valor: Cr\$ 0,10
Tiragem: 2.000.000 de exemplares
Efígie: Padre Damião

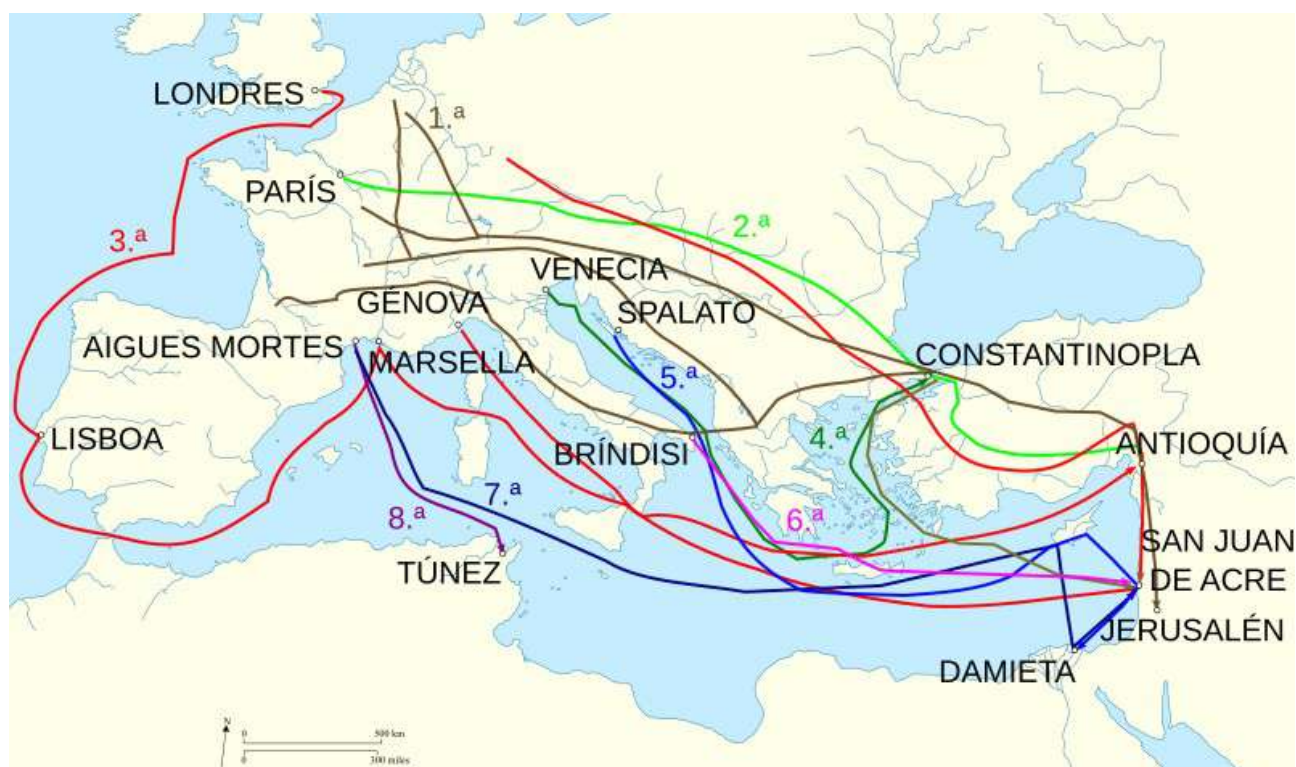
O MAL DE HANSEN HISTÓRICO

A doença era conhecida no Japão, Índia e China há três ou quatro mil anos, e já existia no Egito há quatro mil e trezentos anos antes de Cristo, segundo um papiro da época de Ramsés II. Há esqueletos do século II aC neste país com evidências de lesões da hanseníase.

Referências remontam ao século VI aC a uma doença com as características do Mal de Hansen, acreditando-se que tenha surgido no Oriente, e se espalhado pela Europa e Ásia por navegadores como os fenícios, ou por viajantes. Admite-se hoje que a doença era originária da Ásia ou África.

Aceita-se que as tropas de Alexandre o Grande retornando à Europa depois da conquista do mundo então desconhecido, teriam trazido indivíduos contaminados com a doença nas campanhas da Índia (300 a.C.).

As cruzadas nos séculos X a XV também teriam sido o grande vetor da doença em toda a Europa, quando soldados infectados retornaram às suas cidades.



A doença era chamada de Lepra ou Mal de Lázaro e associada à impureza, ao pecado, à desonra como castigo divino ou teste de Fe. Era muito confundida com outras doenças de pele ou doenças sexualmente transmissíveis (venéreas, em relação à deusa Vênus) e admitia-se que a transmissão era feita por contato direto, inclusive sexual, portanto, pecaminoso, além de ser hereditária.

O diagnóstico era dado por sacerdotes, e não por médicos; eles atestariam os desvios de comportamento da alma do doente, portanto, leproso!

NA BÍBLIA

Encontra-se nos capítulos 13 e 14 do Levítico o termo hebreu *tsaraath* ou *saraath* para designar afecções impuras. Estes termos foram traduzidos como lepra em vários idiomas, sem que se possa afirmar com certeza o seu significado original e significavam uma condição de pele dos indivíduos ou de suas roupas que necessitava purificação. Aqueles que apresentavam o *tsaraath* deveriam ser isolados até que os sinais desta condição desaparecessem.



Outra citação vem do Velho Testamento, quando o Rei Uzziah foi punido por Deus ao fazer um culto somente com sacerdotes. Mesmo sendo rei foi obrigado a morar recluso, e quando de sua morte não foi enterrado no cemitério dos reis.



A Lepra, como era chamada, é citada também no Novo Testamento. Lázaro é um mendigo (hoje seria morador de rua ou sem-teto) e leproso protagonista de uma parábola de Jesus, citada por Lucas (cap.16 versículos 19 a 31), em o Rico e Lázaro). Note-se que Lucas não conheceu Jesus, mas acompanhou Paulo, que também não conheceu Jesus.

No Evangelho de Marcos (cap.1, versículos 40-41), um leproso pede a Jesus que o purifique, e o Mestre ao tocá-lo, o curou e mandou que ele se apresentasse ao sacerdote para liberação de volta ao povoado.

SITUAÇÃO SOCIAL

Uma vez diagnosticada a lepra, o doente não poderia viver em sociedade, era expulso da cidade, esmolando pelas estradas, ou indo morar em leprosários, comunidades aonde eram “despejados” os diagnosticados com a doença.

Para esmolar nas cidades os leprosos tinham que usar luvas e roupas especiais que lhes cobriam todo o corpo, não poderiam entrar em igrejas, além de terem que carregar sinos ou matracas para anunciar sua presença. Deveriam andar com calçados para não contaminarem as estradas. Para pedir esmolas usavam um saco amarrado na ponta de um bastão para não se aproximarem das pessoas.

MÉTODOS DE DIAGNÓSTICO E CURA



Como não havia cura, ninguém queria um leproso por perto, acreditando-se que o confinamento era o caminho para a eliminação da doença, além de não pecar para não ser castigado. Muitas vezes os leprosos eram apedrejados nas cidades.

Na Idade Média, a Lei de Strasbourg (cidade localizada na Alsácia, leste da França, com hospital criado em 1.119) do no final do século XV, exigia que quatro pessoas fossem designadas para examinar um leproso: um médico, um cirurgião e dois barbeiros que deveriam realizar testes de urina e de sangue nos pacientes.



Uma pequena amostra de sangue era depositada em um recipiente com sal. Se o sangue se descompusesse, o paciente era são, caso contrário, era considerado doente. Outra técnica consistia em misturar a água com o sangue. Se a mistura dos dois líquidos fosse impossível, tratava-se do sangue de um hanseniano. Quando se juntavam gotas de sangue ao vinagre, se não houvesse formação de bolhas era firmado o diagnóstico de hanseníase.

Os médicos medievais consideravam a lepra uma doença contagiosa e hereditária ou oriunda de uma relação sexual consumada durante a menstruação.

O Concílio de Lyon no ano de 583 estabeleceu regras da Igreja Católica para a profilaxia da doença: isolar o doente da população sadia. Em algumas áreas, como a França, essas medidas de isolamento foram rigorosas e incluíam a realização de um ofício religioso em intenção do doente, semelhante ao ofício dos mortos, após o qual este era excluído da comunidade passando a residir em locais especialmente reservados para esse fim.



No ano 1.100 houve uma mudança da postura incentivada pela Igreja. Foram criadas ordens religiosas para cuidar de leprosos, e muitas damas da sociedade lavavam os pés deles. Como qualquer doença de pele era interpretada como lepra, a chance de contágio diminuía muito. Por conta desta nova postura são criados os "Lazaretos", hospitais-hospedaria para leprosos, afastando-os da sociedade e dando-lhes um acolhimento mais digno. Muitas pessoas acreditavam que Cristo tinha morrido de lepra...

Para se ter uma ideia da quantidade de leprosos, no século XIII a Europa tinha cerca de 20.000 lazaretos! A partir do século XVII a endemia da doença entra em declínio, tendo praticamente desaparecido da Europa.

Uma lenda existente no Brasil dizia que se a doença fosse transmitida a sete pessoas o seu portador seria curado. Há relatos de um episódio em São Paulo, em que os hansenianos invadiram uma cidade ao norte deste Estado procurando passar o mal à população, a qual teria reagido com armas de fogo e os doentes morrido ou fugido. Na fuga teriam encontrado uma criança na estrada e avançado sobre ela às dentadas até ela sangrar, a fim de garantir a transmissão da doença. Conta-se também que muitos doentes fingiam-se de mortos nas estradas, esperando que os viajantes parassem para ajudá-las, enquanto outros doentes, escondidos, avançariam para passar-lhes o mal. Ainda desta crença, as mulheres doentes recorriam à prostituição para conseguirem sua cura.

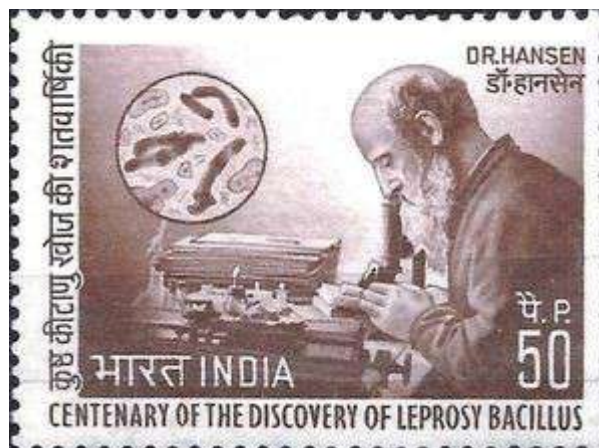
Outra lenda existente era que se os doentes com hanseníase proferissem pragas eficazes teriam sua moléstia transmitida a outras pessoas e a sua cura garantida.

Outros tratamentos incluíam dietas, chás de determinadas ervas, banhos quentes e frios, laxantes e eméticos (vomitórios), além de desidratar e hidratar o paciente. Nada eficaz...

A DESCOBERTA DO BACILO

A *Mycobacterium leprae* foi descoberta por Gerhard Armauer Hansen e foi a primeira bactéria a ser relacionada a uma doença humana. Embora tenha sido descoberta em 1873, até hoje não é possível cultivá-la em laboratório e esse fator é considerado como um dos principais empecilhos para a erradicação da hanseníase.

A melhor temperatura para o crescimento do bacilo está entre 27°C e 30°C, por isso as lesões dos pacientes acometidos pela hanseníase geralmente estão localizadas na pele, mucosa nasal e nervos periféricos.



O diagnóstico da Hanseníase é baseado em sinais e sintomas do paciente, os quais são muito característicos, raramente sendo preciso realizar outros exames. São feitas análises das lesões cutâneas, palpações dos nervos, avaliações da sensibilidade superficial e da força muscular dos membros superiores e inferiores.

Pode ser feito uma biópsia da área ou exames laboratoriais para medir a quantidade de bacilos presentes na amostra se as características não permitirem um diagnóstico imediato.

A transmissão é feita pelo contato através de vias aéreas, com incubação lenta, de dois a sete anos. Cerca de 90% da população é imune à doença. Existem três tipos de doença de Hansen:

1. Hanseníase indeterminada: apresenta lesão única e evolui para cura espontaneamente na maioria dos casos. São 90% dos casos.

2. Hanseníase paucibacilar ou tuberculoide: pacientes com cinco ou menos lesões de pele, onde não se consegue detectar a bactéria quando se retira amostras das lesões. São pacientes que apresentam resposta imune parcial ao bacilo. Os bacilos não são eliminados, mas não se distribuem pelo corpo.

3. Hanseníase multibacilar ou lepromatosa: É a forma mais grave. Pacientes com seis ou mais lesões de pele, com amostras positivas para o bacilo de Hansen. São doentes com sistema imune ineficaz contra a bactéria.

As primeiras drogas efetivas para tratar a doença surgiram na década de 1940. Hoje o tratamento é feito com o coquetel de drogas (poliquimioterapia) com o uso conjunto de Rifampicina, Dapsona e Clofazimina. O esquema e o tempo de tratamento dependem do tipo e evolução da doença.

Com o advento da dapsona começaram as primeiras altas dos leprosários a partir de 1950, bem como surgiu um novo olhar sobre as doenças e os doentes. O recolhimento

compulsório não reduziu o número de casos, não curou, destruiu famílias e o estigma aumentou contra os doentes, além do alto custo de manutenção dos leprosários e orfanatos.

A mudança da denominação “Lepra” para “Hansen” ocorreu após muitos debates na década de 1970. O primeiro é um estigma quase que perpétuo, com conotação pejorativa e ainda muito vivo no vocabulário popular e infelizmente vai perdurar por muito tempo.

O MAL DE HANSEN

DEFINIÇÃO

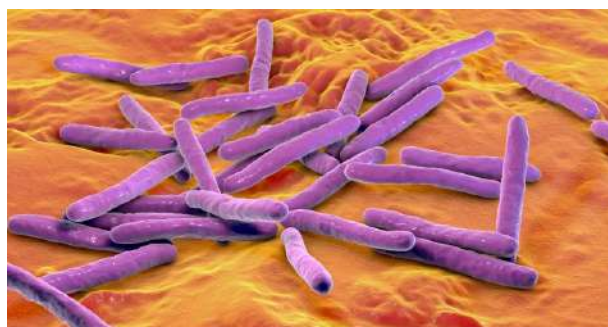
A hanseníase é uma doença infecciosa crônica causada pela bactéria *Mycobacterium leprae*, que pode afetar qualquer pessoa, independente de raça, sexo ou classe social. A doença cursa com alteração, diminuição ou perda da sensibilidade térmica, dolorosa, tátil e força muscular, principalmente em mãos, braços, pés, pernas e olhos e pode gerar incapacidades e deformidades permanentes.

O DIAGNÓSTICO

O diagnóstico é baseado na história e exame físico do paciente. O exame de laboratório mais utilizado para auxiliar no diagnóstico é a baciloscopia, que pode ser negativa nas fases iniciais da doença, portanto resultados negativos não excluem o diagnóstico.

O CAUSADOR E A TRANSMISSÃO

O *Mycobacterium leprae* é transmitido por meio de gotículas de saliva eliminadas na fala, tosse e espirro, em contatos próximos e frequentes com doentes que ainda não iniciaram tratamento ou não sabem que são portadores, ou estão em fases adiantadas da doença. Por isso todas as pessoas que convivem ou conviveram com o doente devem ser examinadas.



Foi o médico norueguês Gerhard Armauer Hansen, notável pesquisador sobre o tema, que identificou, em 1873, este bacilo como o causador da lepra, a qual teve seu nome trocado para hanseníase em homenagem ao seu descobridor.

O QUADRO CLÍNICO

Os nervos dos braços, perna e face vão sendo lentamente afetados, por isso as alterações podem passar despercebidas, muitas vezes só são detectadas quando já estão avançadas.

Outros sinais são:

- Manchas com perda ou alteração de sensibilidade para calor, dor ou tato;
- Formigamentos, agulhadas, câimbras ou dormência em membros inferiores ou superiores;
- Diminuição da força muscular, dificuldade para pegar ou segurar objetos, ou manter calçados abertos nos pés; paralisias;
- Nervos engrossados e doloridos, feridas difíceis de curar, principalmente em pés e mãos;
- Áreas da pele muito ressecadas, que não suam, com queda de pelos, (especialmente nas sobrancelhas), caroços pelo corpo;
- Coceira ou irritação nos olhos;
- Entupimento, sangramento ou ferida no nariz.

O TRATAMENTO

É feito por meio de comprimidos fornecidos gratuitamente nas unidades de saúde. Devem ser tomados diariamente até o término do tratamento, o que geralmente garante a cura da doença. Se a hanseníase não for tratada pode causar lesões severas e irreversíveis. O

tratamento cura a doença, interrompe sua transmissão e previne incapacidades físicas. Quanto mais cedo for iniciado, menores são as chances de agravamento da doença.

Outros órgãos podem ser acometidos, como rins, testículos, supra-renais, fígado e baço.

SITUAÇÃO NO BRASIL

O Brasil é o segundo país do mundo em número de casos, atrás da Índia. E é o primeiro em incidência, ou seja, tem maior proporção de casos novos, quando se compara o número de doentes e o tamanho da população.

A SOBRETAXA OBRIGATÓRIA

Hanseníase, lepra, morfeia, mal de Hansen ou mal de Lázaro: Como o Brasil enfrentou a falta de verbas para subsidiar os filhos sadios dos doentes

A Semana de Combate à Hanseníase, sempre na última semana de novembro foi uma comemoração no Brasil foi instituída pela Lei Nº 909 de 8 de novembro de 1949, e regulamentada pelo Decreto Nº 31.684 de 31 de Outubro de 1952. Posteriormente esta Lei foi alterada pelas Leis 5.497 de 5 de setembro de 1968, 5.620 de 4 de novembro de 1970 e 7.113 de 6 de julho de 1983. A data do início das celebrações poderia ocorrer entre os dias 18 e 24 de novembro de cada ano. Foi celebrada de 1952 até 1994 com a cobrança de um selo de taxa adicional, com valores variáveis dependendo do índice inflacionário da época.

Os selos especiais de taxa obrigatória eram emitidos pelo então Departamento dos Correios e Telégrafos do Brasil e obrigatoriamente aplicado para todas as cartas, encomendas, reembolsos e valores declarados, além de amostras, manuscritos e livros, que fossem postados nos correios de todo o território nacional durante a semana comemorativa. Caso não fossem afixados seriam penalizadas com cobrança em dobro da taxa extra, conforme lei em vigor, e era facultativo nas correspondências destinadas ao exterior.

O produto da venda desse selo de taxa extra devia ter escrituração especial e ser entregue à Federação das Sociedades de Assistência aos Lázaros, nesse tempo integrada na "Campanha Nacional contra a Lepra" ou "Hanseníase", por força do Decreto-lei nº 4.827 de 12 de outubro de 1942 e deveria ser aplicado em benefício dos filhos sadios dos Lázaros (antiga denominação da Lepra, atualmente chamada doença de Hansen).

O edital nº. 44/52, publicado no diário oficial de 6.11.1952, informava que o selo a ser emitido entraria em circulação no período de 24 a 30 de novembro de 1952.

A partir de 1981 foi autorizado a grandes usuários, o recolhimento antecipado dos valores correspondentes ao selo adicional por meio de contratos com a ECT. Os usuários fizeram a indicação deste recolhimento nos objetos postados, por meio de carimbos manuais ou de flâmulas de suas máquinas de franquiar e até mesmo por meio de impressões tipográficas, no caso de jornais ou por impressões computadorizadas, no caso de bancos.

Filatelicamente conhecido como "Leprinha", termo hoje considerado politicamente incorreto, o selo é chamado agora de "Selo da Hanseníase", originado do nome atual da doença e do médico norueguês, descobridor do bacilo que a causa, Gerhard Arnaer Hansen.

A Federação das Sociedades de Assistência aos Lázaros ficava obrigada a comprovar anualmente ao Ministério da Educação e Saúde a aplicação da importância recebida no ano anterior, pela arrecadação desta taxa adicional das correspondências.

Esta taxa foi extinta a partir de 11 de junho de 1995 pela 12ª Vara Federal do Estado do Rio de Janeiro com base na Lei Nº 6538 de 22 de junho de 1978, numa Emenda Constitucional de 1977 e na Constituição brasileira de 5 de outubro de 1988.

Selos Postais e Saúde Pública: o caso da campanha do mal de Hansen

Publicado em 1 de abril de 2020 por Rosângela Rodrigues Rocha

Desde a sua criação em 1840, e difusão por diversos países do mundo, os selos postais representaram não só o pagamento adiantado do porteamento de uma carta, mas também passaram a divulgar determinados aspectos históricos e culturais considerados relevantes pelas suas entidades emissoras. Sobretudo, os selos estão associados à construção de uma determinada imagem do passado ou do presente associado aos interesses oficiais do Estado e de alguns grupos sociais específicos.

O registro de jubileus e personalidades passadas entendidas como “heroicas” é um exemplo disso. A marcação da passagem de aniversários e eventos considerados importantes é algo típico das repúblicas do fim do século XIX que necessitavam afirmar-se diante da sociedade. Em um processo entendido como “tradição inventada”, Hobsbawn (1997) reconhece o “valor publicitário dos aniversários” e considera os selos postais comemorativos um dos maiores exemplos da utilização dessas imagens para fins oficiais.

Mas não são somente as datas comemorativas que cumprem essa função divulgadora e propagandística de determinados governos diante da sociedade. A divulgação de campanhas públicas, como, por exemplo, àquelas voltadas à saúde, também ganharam espaço significativo nos selos postais. E, ao analisarmos os aspectos históricos dos selos com os motivos voltados para a saúde, percebemos que eles estão diretamente atrelados a medidas oficiais relativas a este assunto. Em tempos de pandemia, aonde a intervenção correta do Estado é essencial para manter crises sob controle e o bem-estar dos seus cidadãos, faz sentido voltarmos o olhar para a história da saúde pública no Brasil e como os selos foram utilizados como artifício de divulgação de certas campanhas e informações. Com o objetivo de tratar de tal questão, este texto abordará a Campanha Contra o Mal de Hansen, amplamente divulgada em selos postais entre 1952 e 1994. Este recorte foi escolhido devido à abrangência temporal da campanha em selos e também devido à sua vasta repetição ao longo dos anos. Ao todo, foram lançados 45 selos em um período de 42 anos. Durante esse período, as políticas públicas em relação à hanseníase modificaram-se substancialmente. Os selos, contudo, continuaram sempre sendo divulgadores da campanha.

A Hanseníase como questão de saúde pública

A hanseníase, ao longo de sua história foi conhecida como lepra e seu nome moderno se dá devido à Gerard Amauer Hansen, que descobriu em 1873 o bacilo causador da doença. É um dos males mais antigos da humanidade, havendo registro de sua manifestação já na antiguidade. Foi durante a Idade Média que surgiram os primeiros leprosários, normalmente ligados às atividades da Igreja, locais aonde os doentes eram isolados de forma sistemática. Como foi uma doença sem cura durante muito tempo, a forma utilizada para evitar o contágio era o confinamento de indivíduos em espaço restrito.

Durante um longo período, os hansenianos sofreram preconceitos e violação de seus direitos individuais devido ao desconhecimento em relação à causa e à cura da doença. Quando os tratamentos modernos foram desenvolvidos possibilitando a remissão da doença, já na segunda metade do século XX, o tratamento em relação a essas pessoas mudou consideravelmente, possibilitando que estes vivessem em sociedade. Atualmente, as políticas públicas voltam-se para a prevenção à doença, mas também para o combate ao preconceito e para medidas que garantam o diagnóstico precoce.

No Brasil, foi no início do século XX que o combate à hanseníase tornou-se questão de política pública. Em 1920, a criação do Departamento de Saúde Pública dirigido por Carlos Chagas possibilitou a articulação de planos de combate à lepra, como então era conhecida, em nível nacional. Em 1923, como medida profilática, foi adotado o internamento compulsório dos doentes. Ou seja, toda pessoa que fosse atingida pela hanseníase, seria obrigada a isolar-se em colônias agrícolas, sanatórios, hospitais ou asilos (LAGES, s/d, p.10). Essa decisão, embora buscasse a contenção da doença, tinha como grande desvantagem a alienação dos portadores do restante da sociedade, negando-lhes a possibilidade de uma vida junto às suas famílias.

Durante a Era Vargas, outras medidas foram tomadas, que também se caracterizavam pela existência de sistema de clausura. Com a criação do Ministério da Saúde, em 1941, coordenado por Gustavo Capanema, surgiu o Serviço Nacional de Lepra que, por atuação policial, tinha como objetivo localizar e obrigar os doentes a serem internados.

Contudo, com a descoberta de novos tratamentos a partir de 1940, a política de internamento compulsório acabou por ser revista e eventualmente suspensa. No Brasil, isso ocorreu já nos anos 1960. Nesta mesma década, diversos estudiosos do tema sugeriram mudar o nome de lepra para hanseníase, como forma de acabar com o estigma. No Brasil, a nomenclatura foi oficialmente adotada em 1976. A tônica das políticas públicas, portanto, passa a ser de combate ao preconceito. De acordo com Letícia Maria Eidt *Todas as pessoas envolvidas com a doença devem divulgar, sempre que possível, os novos e atuais conceitos sobre a hanseníase: doença curável, de baixa contagiosidade e contra a qual a maioria da população tem defesas imunológicas naturais* (p.85).

A Campanha contra o mal de Hansen nos selos postais brasileiros

Os selos postais sobre hanseníase abrangem um período relativamente longo, no qual as políticas de saúde pública sobre o assunto mudaram expressivamente. O primeiro selo é de 1953, portanto, antes do internamento compulsório ser abolido por lei. Embora abarquem momentos de mudanças no tratamento e divulgação pública de informação da doença distintos, é interessante notar que os selos utilizam recursos imagéticos fixos. Como forma de personificar a campanha, o governo utilizou figuras da Igreja Católica como meio de divulgação da mensagem acerca da doença. Especificamente, a utilização, por repetidos anos, da imagem de três clérigos da Igreja católica que, ao longo de suas histórias, se envolveram com trabalhos de caridade junto aos portadores de hanseníase: Padre Damião (7 vezes selo postal), Padre Bento (15 vezes selo postal), e Padre Santiago Uchôa (4 vezes selo postal). Alguns outros clérigos aparecem de forma esparsa e, como exceção, existem dois selos da servidora social Eunice Weaver.

É interessante notar que estes selos surgiram como tarifa complementar, a ser acrescida no porte de todas cartas durante a semana da Campanha contra a Hanseníase, como forma de angariar fundos para o tratamento dos doentes. O *Editais 68/57 do Departamento de Correios e Telégrafos, Diretoria de Correios, Comissão Filatélica*, de 04/11/1957 nos permitem levantar a informação de que a taxa adicional de CR\$ 0,10 centavos seriam cobrados na "Semana de Combate à Lepra" pelo selo do Padre Bento.

Padre Damião

Nasceu em 1840 na Bélgica. Com 20 anos, entrou na Congregação dos Padres Sagrados Corações de Jesus e Maria. Em 1863 foi para uma missão no Hawaí e lá ordenou-se sacerdote. Voluntariou-se para trabalhar na ilha Molokai, aonde eram confinados os doentes de hanseníase. Foi contagiado pela doença após 12 anos de trabalho. Faleceu em 1889.



Padre Bento



Nasceu em Itú, SP, em 1819. Ordenou-se sacerdote em 1843 e passou atuar junto aos hansenianos em 1869 na cidade de Itú e construiu uma casa de recolhimento para os doentes na margem da estrada Itú-Porto Feliz. Viveu neste local até sua morte em 1911.

Padre Santiago Uchôa

Chegou da Europa à Goiás em 1914. Em 1917 foi para a paróquia de Pirenópolis. Nesta cidade, em área nomeada Pequizeiro, viviam em isolamento os doentes do mal de Hansen e lá recebiam ajuda e recursos de irmandades religiosas. Padre Santiago todas as tardes ia ao lugar auxiliar os doentes e, por isso, acabou por contrair a doença. Internou-se em um sanatório em São Paulo e, posteriormente, em Minas Gerais, ali permanecendo até sua morte, em 1951. Foi filatelista, o primeiro a entrar em Goiás e estimulava o colecionismo. O selo com sua imagem em 1994 foi o último da campanha de Hansen emitido pelos Correios.



Eunice Weaver



Eunice de Sousa Gabbi nasceu em 1904 em São Paulo. Em 1927 casou-se com Charles Anderson Weaver com quem fez excursões acadêmicas por todo o mundo. Cursou Serviço Social na Universidade da Carolina do Norte. Em 1930, seu marido tornou-se diretor do Colégio Granbery em Juiz de Fora, aonde Eunice deu aulas de história e geografia. Em seu retorno ao Brasil, dedicou-se à assistência social aos doentes hansenianos, e fundou a Sociedade de Assistência aos Lázaros e

Defesa Contra a Lepra, responsável por mantimentos do leprozário Santa Isabel em Nelo Horizonte. Suas atividades tiveram importante reverberação nas políticas de saúde pública em relação aos que sofriam da doença, sendo base para programas de governo como o Plano de Combate à Lepra, sob responsabilidade do ministro Gustavo Capanema durante o período Vargas.

Portanto, foi possível perceber como os selos postais, durante um período longo de 4 décadas, foi uma forma de divulgação da campanha de saúde pública relacionada à Hanseníase. Ao longo deste tempo, novas descobertas e entendimentos do melhor tratamento da doença muito se modificaram. Atualmente, o Brasil ainda é um país com grande número de casos anuais de hanseníase, e o novo posicionamento do tratamento ambulatorial dos pacientes e não mais do seu internamento compulsório representam um grande avanço nesta questão. Entretanto, os selos, ao longo do tempo, permaneceram na utilização de imagens específicas, ou seja, de personalidades consideradas icônicas no tratamento e cuidado dos portadores de hanseníase.

Referências Bibliográficas

DUCATTI, Ivan. A hanseníase no Brasil na Era Vargas e a profilaxia do isolamento compulsório: estudos sobre o discurso científico legitimador. Tese de doutorado em História Universidade de São Paulo, 2008.

EIDIT, Letícia Maria. Breve história da hanseníase: sua expansão do mundo para as Américas, o Brasil e o Rio Grande do Sul e sua trajetória na saúde pública brasileira. *Saúde e Sociedade* v.13, n.2, p.76-88, maio-ago 2004, p.76-88.

CORREIOS do Brasil. Editais de selos comemorativos e especiais. Disponível em <https://apps.correios.com.br/biblioteca/index.html>

HOBSBAWN, Eric. *A Invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

LAGES, Cintia Garabini. Direitos humanos e saúde pública: a história do tratamento da hanseníase no Brasil. Disponível em <<http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=d46e1fcf4c07ce4a>>.

Matéria do Blog dos Correios:

<https://blog.correios.com.br/filatelica/?p=43192>

OS SELOS DE SOBRETAXA OBRIGATÓRIA PARA OS FILHOS SADIOS DE PACIENTES PORTADORES DE HANSENÍASE

O custo de manutenção dos leprosários e preventórios (orfanatos para filhos de pais com Hanseníase) era muito alto, e uma das alternativas encontradas foi sobretaxar as correspondências para ajudar a custear as crianças.

A Lei 909 de 8 de novembro de 1949 e o Decreto nº 31.648 de 31 de outubro de 1952, indicavam que toda correspondência postada na última semana do mês de novembro de cada ano seriam sobretaxadas, coma receita a favor dos filhos sadios dos hansenianos.

Tivemos sobretaxas obrigatórias com selos próprios com a efígie do Padre José Damião de Veuster nos anos de 1952, 1953.

Nos anos de 1956, 59, 60, 74, 77, 78, 80, 81 e 1982 foram empregados os mesmos selos adicionais de sobretaxa emitidos nos anos anteriores. Em 1967 e 1972 não foram cobradas as sobretaxas.

A partir de 1983 através da Lei nº 7.113 a sobretaxa passou a sofrer a variação das ORTNs (Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional); antes disso eram alteradas por Leis e Decretos (1964, 1968, 1971)

As informações foram extraídas do Catálogo RHM, 48º edição, volume II, 1990/91.

SELOS DE SOBRETAXA OBRIGATÓRIA



H-1
Ano: 1952
Pd. José Damião Veuster, Apóstolo dos Hansenianos de Molokai, Havai
Valor: Cr\$ 0,10
Cor: parda
Tiragem: 2.000.000



H-2
Ano: 1953
Pd. José Damião Veuster, Apóstolo dos Hansenianos de Molokai, Havai
Valor: Cr\$ 0,10
Cor: verde
Tiragem: 15.000.000



H-3
Ano: 1954
Padre Bento
Valor: Cr\$ 0,10
Cor: azul
Tiragem: 10.000.000



H-4
Ano: 1955
Padre Bento
Valor: Cr\$ 0,10
Cor: vinho
Tiragem: 8.000.250



H-5
Ano: 1957
Padre Bento
Valor: Cr\$ 0,10
Cor: laranja
Tiragem: 10.000.000



H-6
Ano: 1958
Padre Bento
Valor: Cr\$ 0,10
Cor: verde
Tiragem: 15.000.000



H-7
Ano: 1961
Padre Bento
Valor: Cr\$ 0,10
Cor: maravilha
Tiragem: 10.000.000



H-8
Ano: 1962
Padre Bento
Valor: Cr\$ 0,10
Cor: sépia
Tiragem: 20.000.000



H-9
Ano: 1963
Padre Bento
Valor: Cr\$ 0,10
Cor: cinza
Tiragem: 5.000.025



H-10
Ano: 1964
Padre Bento
Valor: Cr\$ 2,00
Cor: vinho
Tiragem: 10.000.050



H-11
Ano: 1965
Padre Bento
Valor: Cr\$ 2,00
Cor: malva
Tiragem: 5.000.025



H-12
Ano: 1966
Padre Bento
Valor: Cr\$ 2,00
Cor: laranja
Tiragem: 10.000.050



H-13
Ano: 1968
Padre Bento
Valor: NCr\$ 0,05
Cor: verde
Tiragem: 10.000.050



H-14
Ano: 1969
Padre Bento
Valor: NCr\$ 0,05
Cor: grená
Tiragem: 10.500.000



H-15
Ano: 1971
Eunice Weaver
Valor: Cr\$ 0,10
Cor: verde
Tiragem: 10.000.050



H-16
Ano: 1973
Eunice Weaver
Valor: Cr\$ 0,10
Cor: lilás
Tiragem: ??



H-17
Ano: 1975
Frei Nicodemos
Valor: Cr\$ 0,10
Cor: castanho
Tiragem: 10.000.000



H-18
Ano: 1976
Frei Nicodemos
Valor: Cr\$ 0,10
Cor: castanho em papel couchê
Tiragem: ??



H-19
Ano: 1979
Frei Nicodemos
Valor: Cr\$ 0,10
Cor: castanho em papel fosforescente
Tiragem: 15.000.00



H-20
Ano: 1983
Frei Vicente Borgard
Valor: Cr\$ 10,00
Cor: sépia
Tiragem: 3.000.000



H-21
Ano: 1984
Padre Bento
Valor: Cr\$ 30,00
Cor: azul aço
Tiragem: 3.000.000



H-22
Ano: 1985
Padre Bento
Valor: Cr\$ 100
Cor: castanho violeta
Tiragem: 10.000.000



H-23
Ano: 1986
Padre Bento
Valor: Cz\$ 0,10
Cor: verde
Tiragem: 10.000.000



H-24
Ano: 1987
Padre Bento
Valor: Cz\$ 0,30
Cor: ardósia
Tiragem: 10.000.000



H-25
Ano: 1988
Padre Santiago Uchoa
Valor: Cz\$ 1,30
Cor: pardo
Tiragem: 10.000.000



H-26
Ano: 1989
Pd. José Damião Veuster, Apóstolo dos Hansenianos de Molokai, Havai
Valor: NCz\$ 0,02
Cor: lilás
Tiragem: 10.000.000



H-27
Ano: 1990
Pd. José Damião Veuster, Apóstolo dos Hansenianos de Molokai, Havai
Valor: Cr\$ 0,50
Cor: ciano
Tiragem: 10.000.000



H-28
Ano: 1991
Pd. José Damião Veuster, Apóstolo dos Hansenianos de Molokai, Havai
Valor: Cr\$ 3,00
Cor: pardo claro
Tiragem: 10.000.000



H-29
Ano: 1992
Pd. José Damião Veuster, Apóstolo dos Hansenianos de Molokai, Havai
Valor: Cr\$ 30,00
Cor: ciano
Tiragem: 10.000.000



H-30
Ano: 1993
Padre Santiago Uchoa
Valor: CR\$ 0,50
Cor: azul cinza
Tiragem: 10.000.000



H-31

Ano: 1994

Padre Santiago Uchoa

Valor: R\$ 0,01

Cor: ciano

Tiragem: 10.000.000

CARIMBOS COMEMORATIVOS DAS SOBRETAXAS OBRIGATÓRIAS



Z-1387
Semana do Combate a Lepra
25 a 30/11/1968

Rio de Janeiro – GB



Z-1482
Semana do Combate a Lepra
24 a 30/11/1969

Rio de Janeiro – GB



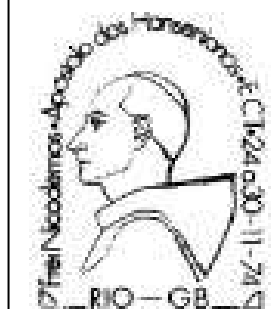
Z-1574
Semana do Combate a Lepra
23 a 27/11/1970

Rio de Janeiro – GB



Z-1693
Semana do Combate a Lepra
24 a 30/11/1971

Rio de Janeiro – GB



Z-2117
Homenagem a Frei Nicodemos
24 a 30/11/1974

A-Curitiba, PR; B-Rio de Janeiro, GB; C-São Paulo, SP



Z-2270
Homenagem a Frei Nicodemos
23 a 30/11/1975

A/AF – 31 Drs



Z-3804
Semana do Combate a Lepra
24/11/1983

Rio de Janeiro – RJ



Z-4200
Centenário da Sociedade Eunice Weaver do Pará
Preserve sempre a criança do Mal de Hansen
15 a 21/12/1986

Belém – PA

**TABELA DAS EMISSÕES DA SOBRETAXA OBRIGATÓRIA
AOS FILHOS DE PESSOAS COM MAL DE HANSEN**

DATA DE EMISSÃO	VALOR FACIAL	EFIGIE	COR	TIRAGEM
24/11/1952	Cr\$ 0,10	Pe. José Damião de Veuster	pardo	2.000.000
30/11/1953	Cr\$ 0,10	Pe. José Damião de Veuster	verde	15.000.000
22/11/1954	Cr\$ 0,10	Pe. Bento Dias Pacheco	azul	10.000.000
24/11/1955	Cr\$ 0,10	Pe. Bento Dias Pacheco	vinho	8.000.250
24/11/1956	SEM EMISSÃO			
24/11/1957	Cr\$ 0,10	Pe. Bento Dias Pacheco	laranja	10.000.000
24/11/1958	Cr\$ 0,10	Pe. Bento Dias Pacheco	verde	15.000.000
24/11/1959	SEM EMISSÃO			
24/11/1960	SEM EMISSÃO			
24/11/1961	Cr\$ 0,10	Pe. Bento Dias Pacheco	maravilha	10.000.000
24/11/1962	Cr\$ 0,10	Pe. Bento Dias Pacheco	sépia	20.000.000
24/11/1963	Cr\$ 0,10	Pe. Bento Dias Pacheco	cinza	5.000.025
24/11/1964	Cr\$ 2,00	Pe. Bento Dias Pacheco	vinho	10.000.050
24/11/1965	Cr\$ 2,00	Pe. Bento Dias Pacheco	malva	5.000.025
24/11/1966	Cr\$ 2,00	Pe. Bento Dias Pacheco	laranja	10.000.050
1967	SEM TAXA			
25/11/1968	NCr\$ 0,05	Pe. Bento Dias Pacheco	verde	10.000.050
24/11/1969	NCr\$ 0,05	Pe. Bento Dias Pacheco	grená	10.500.000
24/11/1970	SEM EMISSÃO			
24/11/1971	Cr\$ 0,10	Eunice Weaver	verde	10.000.000
1972	SEM TAXA			
24/11/1973	Cr\$ 0,10	Eunice Weaver	lilás	???
24/11/1974	SEM EMISSÃO			
23/11/1975	Cr\$ 0,10	Frei Nicodemus (papel acetinado)	castanho	10.000.000
24/11/1976	Cr\$ 0,10	Frei Nicodemus (papel couchê)	castanho	???
24/11/1977	SEM EMISSÃO			
24/11/1978	SEM EMISSÃO			
24/11/1979	Cr\$ 0,10	Frei Nicodemus (papel fosforescente)	castanho	???
24/11/1980	SEM EMISSÃO			
24/11/1981	SEM EMISSÃO			
24/11/1982	SEM EMISSÃO			
24/11/1983	Cr\$ 10,00	Frei Vicente Borgard	sépia	3.000.000
24/11/1984	Cr\$ 30,00	Pe. Bento Dias Pacheco	azul aço	3.000.000
25/11/1985	Cr\$ 100	Pe. Bento Dias Pacheco	castanho	10.000.000
24/11/1986	Cz\$ 0,10	Pe. Bento Dias Pacheco	oliva	10.000.000
24/11/1987	Cz\$ 0,30	Pe. Bento Dias Pacheco	ardósia	10.000.000
24/11/1988	Cz\$ 1,30	Pe. Santiago Uchôa	pardo	10.000.000
24/11/1989	NCz\$ 0,02	Pe. José Damião de Veuster	lilás	10.000.000
24/11/1990	Cr\$ 0,50	Pe. José Damião de Veuster	azul ciano	10.000.000
24/11/1991	Cr\$ 3,00	Pe. José Damião de Veuster	verde cinza	10.000.000
24/11/1992	Cr\$ 30,00	Pe. José Damião de Veuster	pardo claro	10.000.000
24/11/1993	CR\$ 0,50	Pe. Santiago Uchôa	azul cinza	10.000.000
24/11/1994	R\$ 0,01	Pe. Santiago Uchôa	vinho	10.000.000

OS CARIMBOS SUBSTITUINDO OS SELOS

Empresas que tinham contrato de postagem com os Correios poderiam, ao invés de comprar os selos e colá-los em suas cartas na Semana da Hansen poderiam colocar um carimbo especificando que o pagamento seria feito.

O carimbo, formato, medidas e cor da tinta não eram padronizados pelos Correios e eram feitos pelas próprias empresas. No entanto, eles deveriam ser homologados antes do uso.

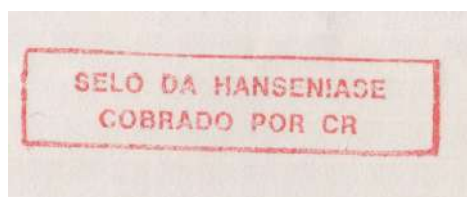
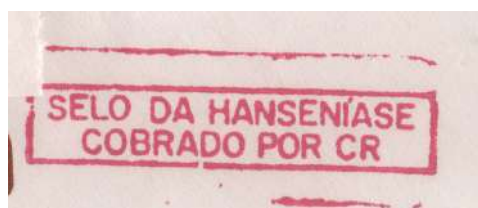
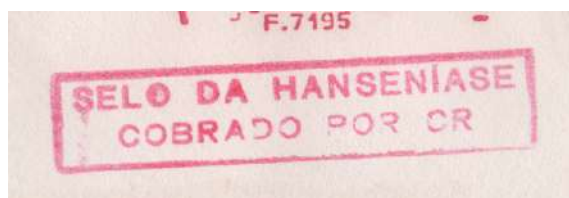
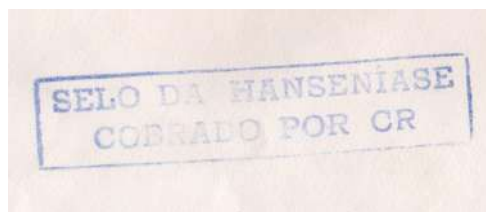
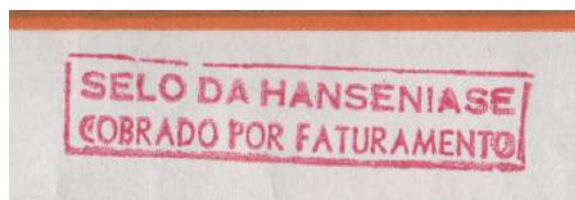
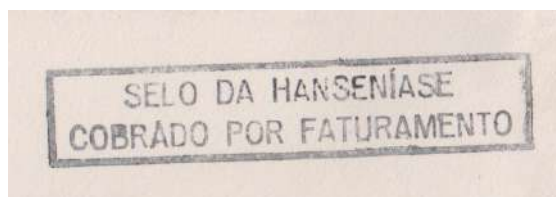
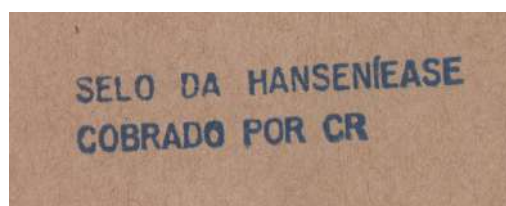
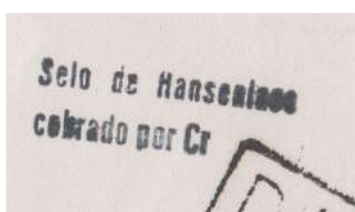
A aposição do carimbo, e não do selo, representava uma grande economia de mão de obra e tempo, principalmente em empresas que despachavam muitas cartas, como os bancos e agências de cobrança.

Os carimbos apresentados nas próximas páginas foram coletados na coleção do autor e do filatelista Antonio Carlos Fernandes, e não representam todos os tipos de carimbos que as empresas utilizaram em suas cartas, mas apenas uma mostra deles.

1983

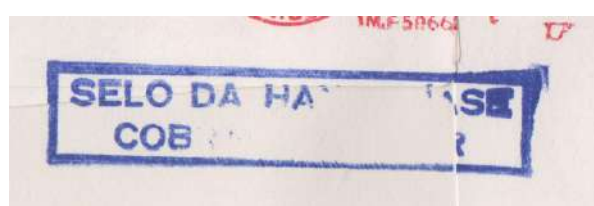
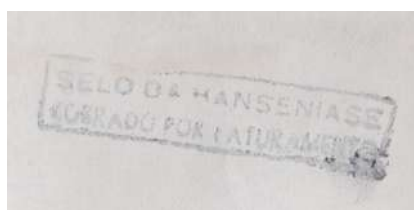
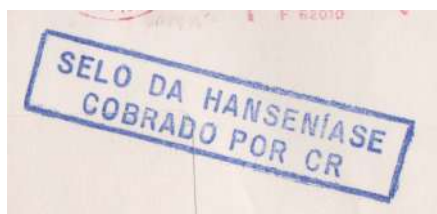
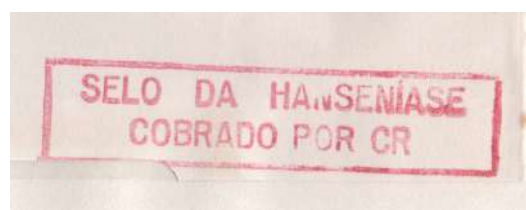
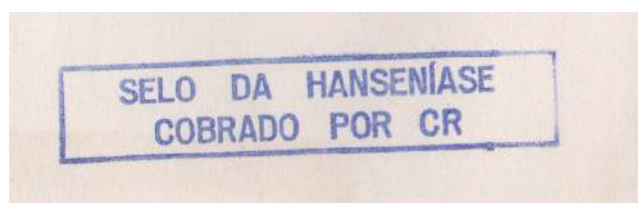
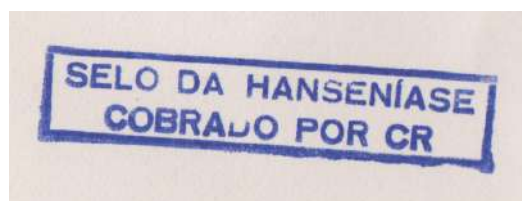
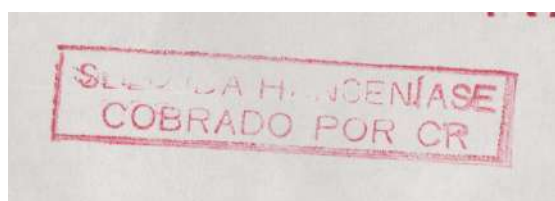
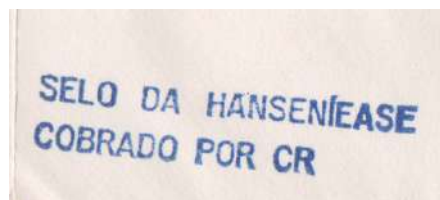
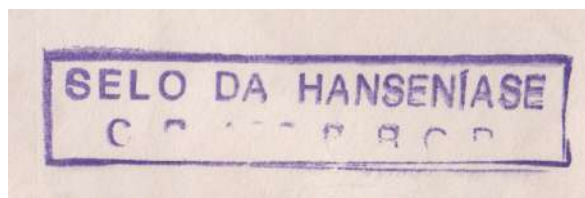


1985



	
	
<p>1986</p>	
	
	<p>Etiqueta</p> 
	

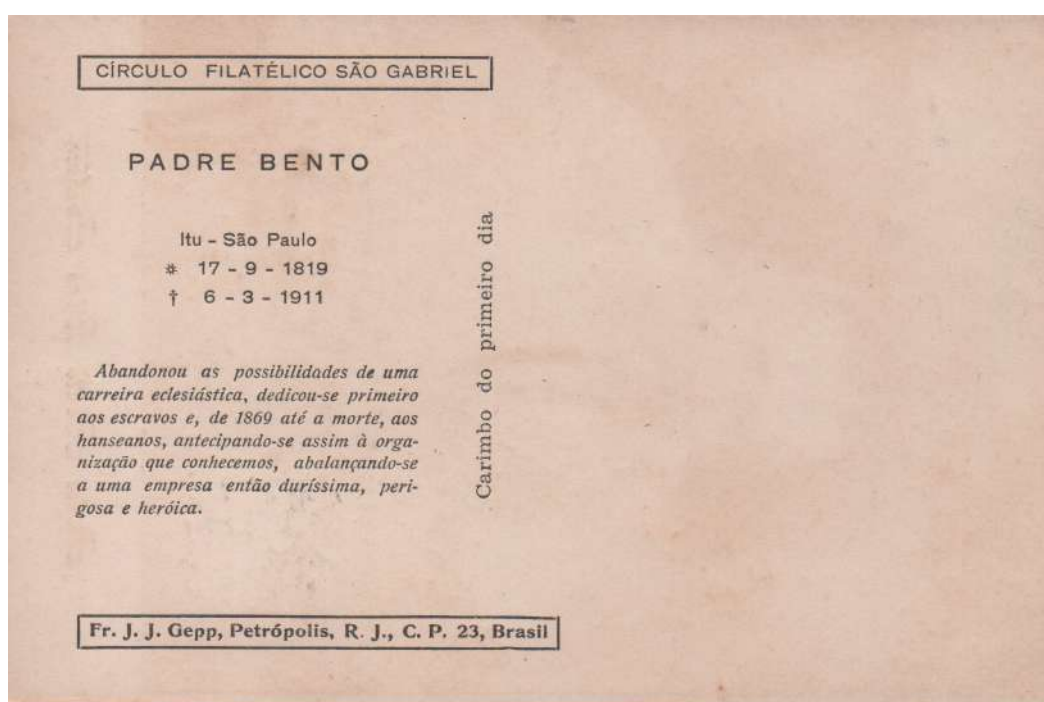
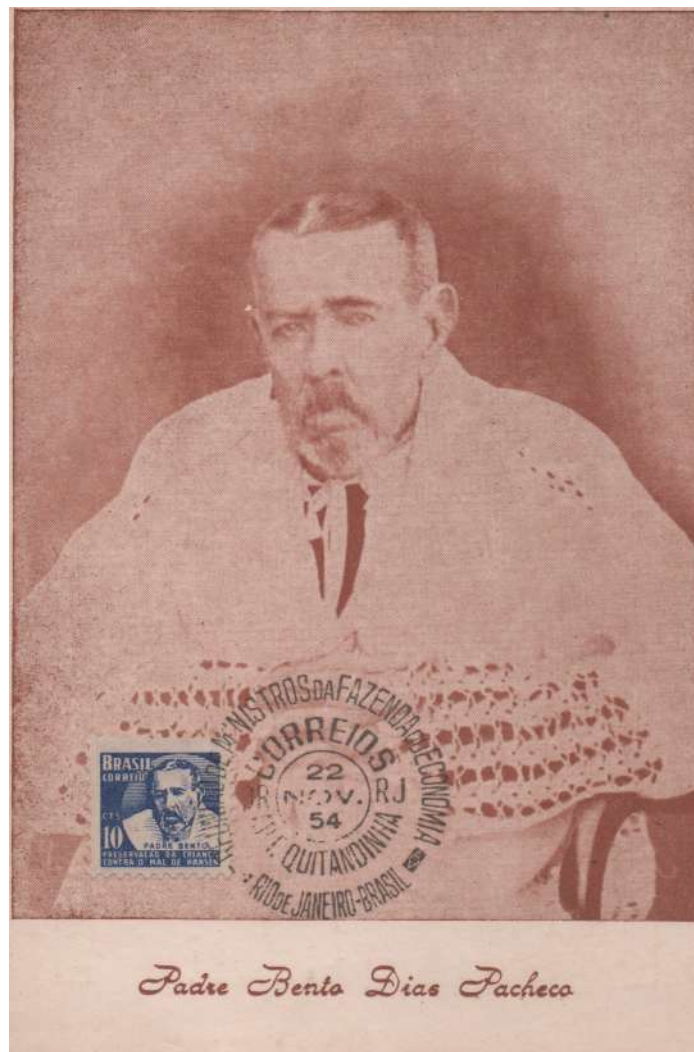
1987



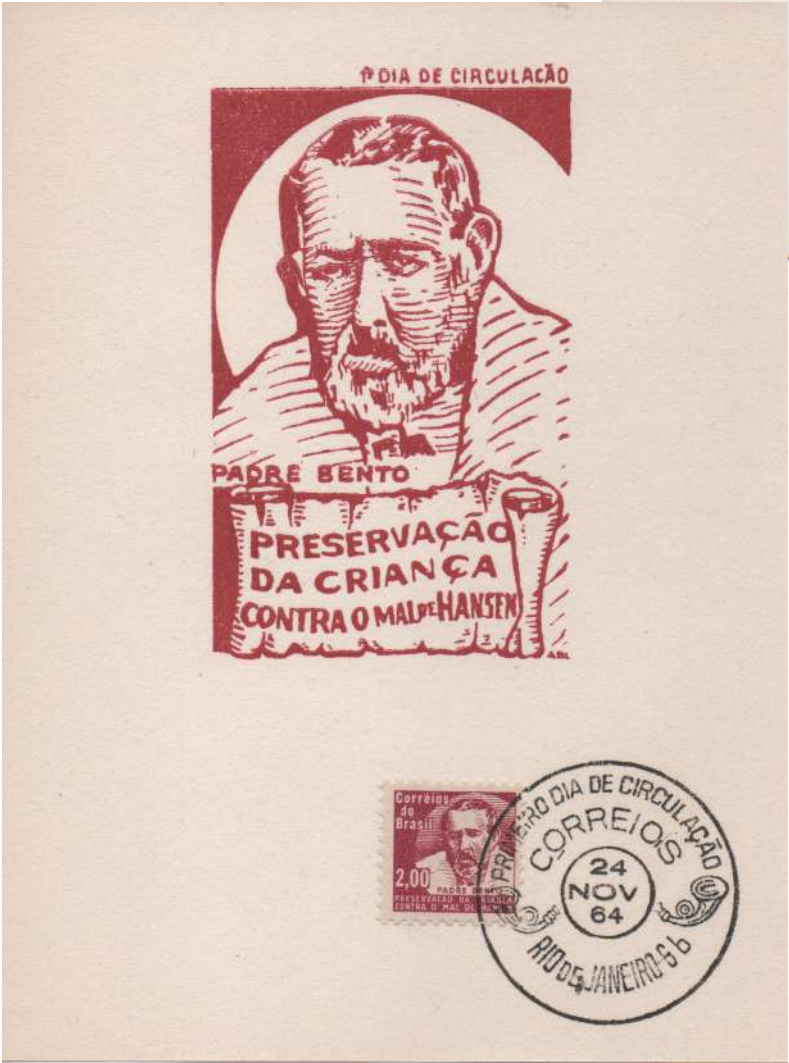
	
<p>1988</p>	
	
	
	
	
	

		
1989		
1990		
1993		
1994		
		
		

1954




1958



1964

PADRE BENTO



PRESERVAÇÃO DO MAL DE HANSEN

1968



FOLHINHA COMEMORATIVA



GERHARD H. ARMAUER HANSEN

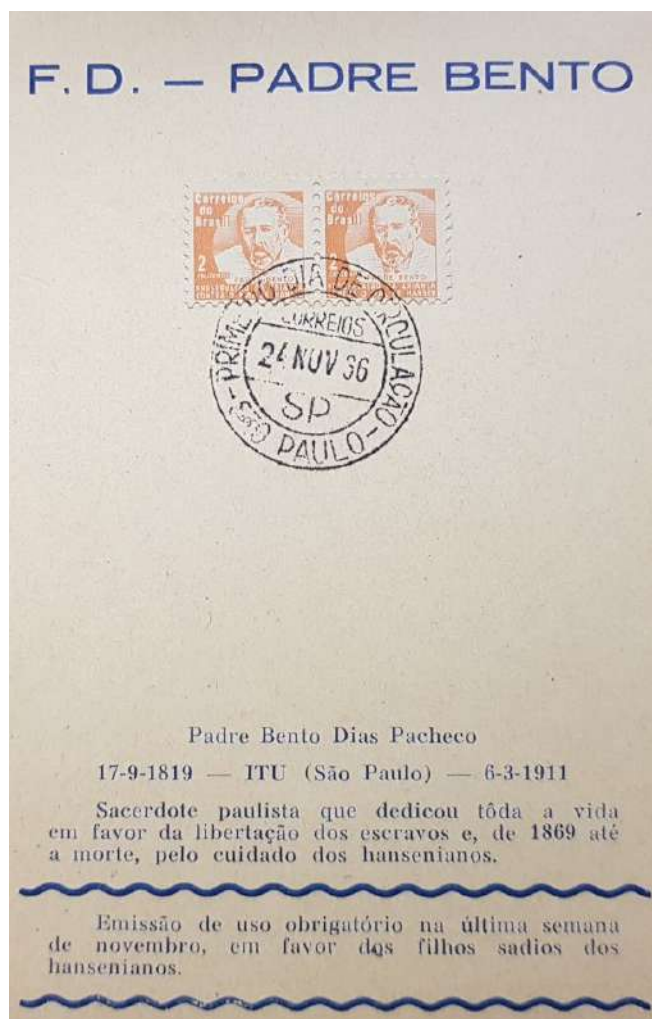
1975



REI NICODEMOS APOSTOLO DOS HANSENIANOS

CARTÕES DIVERSOS

1986



1989



ORAÇÃO PELA BEATIFICAÇÃO DO SERVO DE DEUS

O Santíssima Trindade, Pai e Filho e Espírito Santo, que enriqueceste Padre Bento, sacerdote da nossa Santa Igreja, de tanta Fé, Esperança e Caridade, que o levou a consagrar-se inteiramente ao serviço de seu próximo, na pessoa dos mais pobres e abandonados, — os hansenianos —, dedicando-lhes todos os últimos quarenta e dois anos de sua vida, convivendo com eles, curando suas chagas, prestando-lhes toda a assistência espiritual e material: dignai-vos, nós vo-lo pedimos glorificar este vosso servo Padre Bento, com a honra dos altares, para que o mundo, pelo seu testemunho se volte para Cristo, Filho de Deus e Redentor do homem, para a difusão de vosso Reino, na nova civilização do Amor.

Pelo mesmo Jesus Cristo, vosso Filho, que convosco vive e reina na unidade do Espírito Santo, por todos os séculos dos séculos. Amém.

Pede-se às pessoas agraciadas por intercessão do piedoso servo de Deus, Padre Bento, o favor de comunicar-se com a Comissão de Beatificação, em Itu — Praça Padre Anchieta, 71 — (13.300) ou em São Paulo — Rua Marechal Hermes da Fonseca, 227 — (02020) e Pátio do Colégio, 84 — (01016).

Narração de curas importantes devem vir acompanhadas de atestado médico e comprovantes radiográficos, com nome e endereço de testemunhas.

Imprima-se

† **Gabriel Bueno Couto**

Bispo de Jundiá

Jundiá, 4 de outubro de 1981.

Colaboração da FASBEN

PADRE BENTO DIAS PACHECO IV

APÓSTOLO DA CARIDADE



ITU — Estado de São Paulo

17-09-1819

06-03-1911

1984

VIDA E OBRA DO SERVO DE DEUS

Padre Bento Dias Pacheco nasceu em Itu, Estado de São Paulo, na Fazenda da Ponte, aos 17 de setembro de 1819, filho de Inácio Dias Ferraz e dona Ana Antonia Camargo.

De família rica, bem dotado intelectualmente, fácil lhe teria sido galgar posição invejável no cenário político e social de sua terra.

O velho Capitão Bento Dias Pacheco, seu avô, de quem trazia o nome, aspirava vê-lo doutor.

Deus, no entanto, tinha outros desígnios. Desde toda eternidade, o escolhera para seu ministro. O Bentinho da Fazenda da Ponte seria Padre.

Ordenado sacerdote, pouco trabalhou em paróquias. Acontecimentos familiares exigiram sua presença à testa da propriedade agrícola de sua mãe, viúva. Ali, a convivência mais direta com os escravos deu-lhe bem a medida do amor ao próximo, e preparou-lhe o caminho para novas escaladas, em busca do irmão necessitado.

Convidado duas vezes, pela Câmara, para Capelão do Hospital dos Lázaros, recusou, tal era o temor que, desde criança, sentia pela terrível moléstia.

Um dia, porém, depois de muito orar, encheu-se de coragem. Vendeu tudo que tinha, distribuiu o dinheiro pelos pobres, despediu-se de parentes e amigos. Fez uma última visita à sua Padroeira e madrinha Nossa Senhora da Candelária, e rumou para a Chácara da Piedade, para viver, definitiva-

mente, junto àqueles que não tinham ninguém por si, despojados até mesmo do direito de viver entre seus semelhantes.

Ali, durante 42 anos aqueles pobres párias tiveram nele o pai, o amigo, o médico que cuidava de suas feridas, o cireneu que os ajudava a carregar a pesada cruz de sua temida doença. Indiferente ao cansaço, ao perigo do contágio, procurava acender, em cada coração sofredor, a lâmpada da esperança num mundo melhor, sem as vicissitudes deste vale de lágrimas.

Apesar de seu contato permanente com os enfermos, nesse longo espaço de tempo, morreu sem contrair a moléstia.

Faleceu aos 6 de março de 1911. A cidade tributou-lhes as últimas homenagens. Seus contemporâneos, porém, respeitaram-lhe a vontade de ser enterrado entre os que tanto amara em vida.

Agora, passados tantos anos de sua morte, movimentam-se os ituanos, para pedir ao Papa que o eleve à honra dos altares.

Seu túmulo, em Itu, ao lado da Capela do Senhor do Horto, é muito visitado, devido à fama de graças e favores alcançados por sua intercessão.

Padre Bento, em sua vida, resumiu admiravelmente o grande mandamento do Amor: amou a Deus sobre todas as coisas, e ao próximo por amor a Deus. No pobre doente chagado, desfigurado, desprezado, sentiu resplandecer a Face de Cristo, sinal seguro de ressurreição e vida eterna.

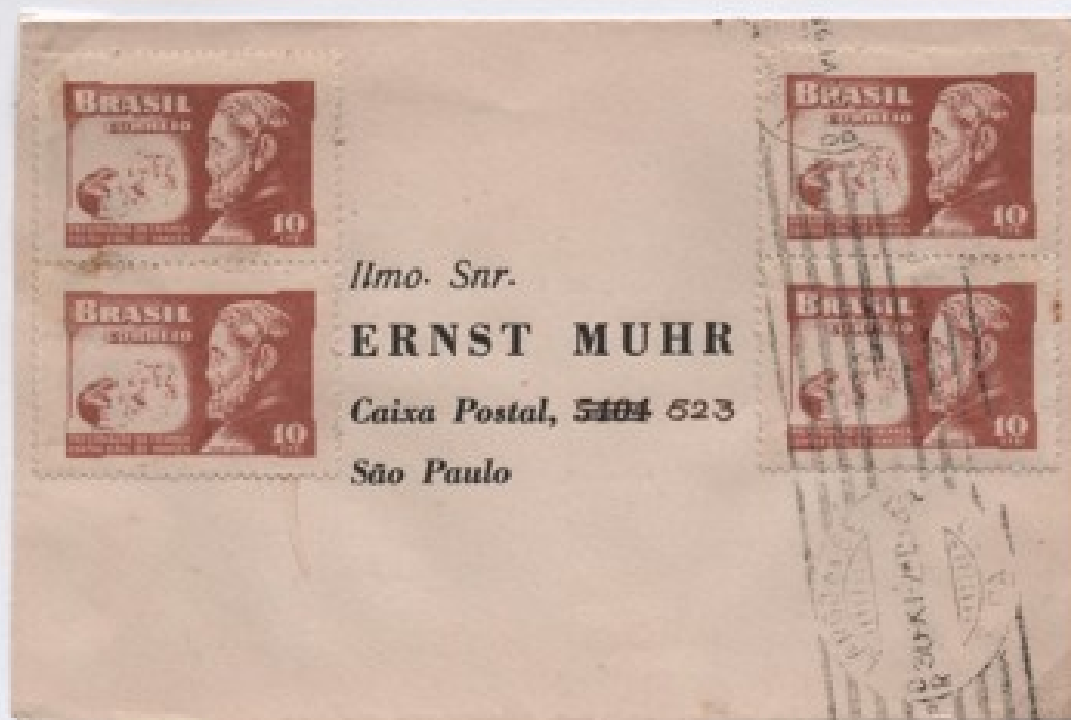
CURIOSIDADES



A **etiqueta vermelha** de valor facial Cr\$ 1,00 (dez vezes o valor do adicional) foi impressa pelo Departamento de Imprensa Nacional com o mesmo desenho do adicional, porém com a legenda "Colabore em favor do filho são do lázaro", ao invés de "Preservação da criança contra o mal de Hansen".

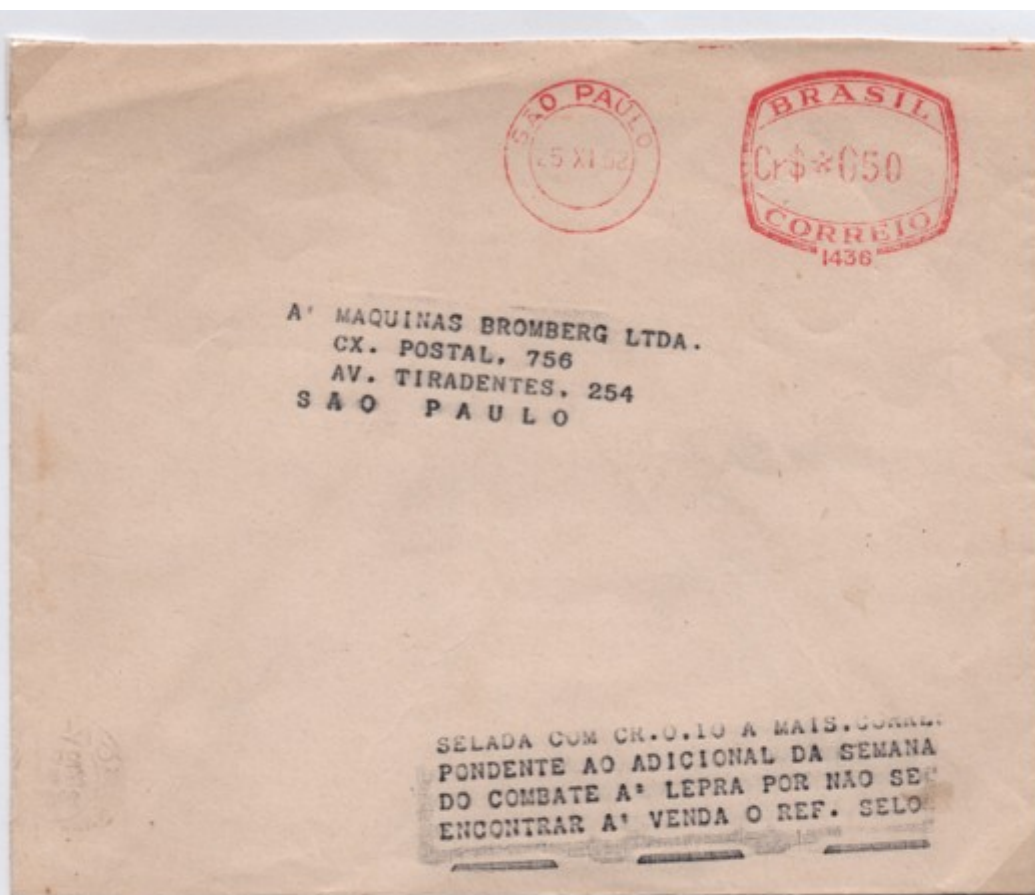
A **etiqueta verde**, de impressão mais grosseira, também de valor facial Cr\$ 1,00 (dez vezes o valor do adicional), não possui identificação do impressor e tem o mesmo desenho do adicional e legenda igual à etiqueta vermelha.

Os carimbos permitem identificar 1952 como o ano do primeiro uso.



Carta postada no 7º dia de circulação (30 NOV 52)

Circulada dentro da cidade de São Paulo, SP. Pagou com os selos adicionais o valor de Cr\$ 0,40, referente ao 1º porte local, conforme tarifa vigente desde 01 JAN 49. Apesar do uso irregular, a correspondência não foi taxada.



Carta postada no 2º dia de circulação (25 NOV 52)

Circulada dentro da cidade de São Paulo, SP. Pagou o valor de Cr\$ 0,40, referente ao 1º porte local, conforme tarifa vigente desde 01 JAN 49, acrescido do valor do adicional, Cr\$ 0,10, por meio de franquia mecânica Universal, modelo Multivalor, n° 1436. O usuário justificou a falta de uso do adicional por não se encontrar o selo à venda, incluindo no valor do porte a quantia devida.

Ontem e Hoje

Ícaro Leal – Mirueira/1951

*Na estrada pedregosa do destino
Caminha um ente,
Outrora libertino,
Mas que hoje,acovardado e aflito
Traz no rosto a marca indelével
Da misérrima lepra, o estigma maldito.*

BIBLIOGRAFIA

Acessos em 17/11/2022

<https://www.saude.pr.gov.br/Pagina/Hanseniose#:~:text=A%20hansen%C3%ADase%20%C3%A9%20uma%20doen%C3%A7a,e%20pode%20gerar%20incapacidades%20permanentes.>

<https://www.scielo.br/j/sausoc/a/nXWpzPJ5pfHMDmKZBqkSZMx/?lang=pt>

<http://www.invivo.fiocruz.br/historia/hanseniose-na-historia/>

<https://saude.abril.com.br/coluna/tunel-do-tempo/hanseniose-e-as-historias-de-um-brasil-que-esta-na-idade-media/>

<https://www.medicalphilately.com/leprosy>

<https://bshm.org.uk/leprosy-has-a-fascinating-history-and-a-rich-philatelic-documentation/>

https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%A1zaro,_o_Leproso

https://pt.wikipedia.org/wiki/Mycobacterium_leprae

<https://www.mdsaude.com/dermatologia/hanseniose-lepra/>

<http://hotsites.diariodepernambuco.com.br/vidaurbana/2014/vidaspartidas/index.shtml>

<https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/11000/1/Tese%20-%20Carolina%20Pinheiro%20Mendes%20Cahu%20de%20Oliveira.pdf>

<http://aew.org.br/hansenioses/>

<https://blog.correios.com.br/filatelia/?p=43192>

Acessos em 24/11/2022

<https://commons.wikimedia.org/wiki/File:CRUZADAS-es.svg>

Acessos em 27/11/2022

<http://datas.blog/ex-dia-do-inicio-da-semana-de-combate-a-lepra-ou-semana-de-combate-a-hanseniose-ultima-semana-de-novembro/>

Catálogo RHM 48ª edição, 1990/91

Folha da Manhã, RJ, 6 de fevereiro de 1942

Boletim Informativo da SPP número 204 de abril de 2009, artigo de Mário Xavier Jr.

Coleção Selos Adicionais em Benefício dos Filhos Sadios dos Hansenianos, introdução, Mario Xavier Jr.

Agradecimentos especiais a

Mario Xavier Junior, ex-presidente da SPP

Antonio Carlos dos Santos, associado da SPP